

RESENHA

McKEOWN, N. **The Invention of Ancient Slavery?**
London: Duckworth, 2007, 174 p. (Duckworth
Classical Essays)

OS DESAFIOS DO ESTUDO DA ESCRAVIDÃO ANTIGA

*José Ernesto Moura Knust**

Niall McKeown, professor de História Antiga da Universidade de Birmingham, inicia seu primeiro livro anunciando um desafio: “Este é um livro sobre as coisas em que os historiadores querem acreditar sobre a escravidão antiga e como nós damos um jeito de acreditar neles” (p.7). E afirma, em seguida, que pretende mostrar nessa análise como as narrativas do passado refletem nossos próprios valores e o que pretendemos ver no passado. Um primeiro parágrafo desses obriga McKeown a se posicionar quanto à influência pós-moderna na teoria da História. Ele admite ser seu livro “escrito na sombra do desafio pós-moderno” (p.8), mas nega que isto faça dele um pós-modernista. Citando Georg Iggers, McKeown afirma haver diferenças entre aceitar que o conhecimento histórico é extremamente complexo, mas que pessoas reais viveram uma história real que tentamos descobrir, e negar qualquer pretensão de realismo nas análises históricas.

* Mestrando em História no PPGH-UFF, bolsista do CNPq e membro do Ceia-UFF.

Algumas interessantes propostas de reavaliação da objetividade do conhecimento histórico apontam para a ideia de objetividade significar o respeito às regras metodológicas da disciplina e a intersubjetividade. Porém, McKeown afirma que, mesmo respeitando tais regras, historiadores podem chegar a conclusões muito diversas, usando o mesmo conjunto de fontes. Isto é, e aqui somos apresentados à verdadeira tese do livro, que será o fio condutor da obra: “As fontes podem ser usadas para nos dar visões muito diferentes [do escravismo antigo]” (p.9). McKeown pretenderá mostrar, a cada capítulo, como as fontes que um pesquisador usa para embasar sua argumentação podem ser usadas, de alguma maneira, para refutar sua própria argumentação, ou para embasar uma interpretação diametralmente oposta a sua.

A partir disso, McKeown traça um amplo, variado e extremamente informativo quadro acerca da historiografia dedicada ao escravismo antigo nos últimos cem anos. Todas as grandes correntes e “escolas” são visitadas através da análise de, pelo menos, um de seus mais importantes autores: os alemães do grupo de Mainz, através de F. Kudlien, e os franceses do grupo de Besançon, por M. Garrido-Hory, no capítulo 2; a historiografia marxista oriental, através da obra de Trofimova e Staerman, no capítulo 3; e a historiografia anglo-saxã, por K. Bradley, no capítulo 4. Sente-se apenas a ausência de considerações de maior porte acerca dos trabalhos dos marxistas italianos ligados ao Instituto Gramsci, como Andrea Carandini.

Além disso, os capítulos finais se dedicam a analisar os novos caminhos traçados por esta historiografia nos últimos quinze anos: os estudos sobre a escravidão no imaginário literário romano, como de W. Fitzgerald, K. Hopkins, K. McCarthy e o próprio K. Bradley, dentre outros, no capítulo 5; os estudos, a partir de uma metodologia baseada em um “quantitativismo probabilístico” derivado dos estudos de demografia histórica, interessados na questão do abastecimento de escravos desenvolvida, principalmente, por W. Harris e W. Scheidel, no capítulo 6; assim como os novos estudos sobre a escravidão na Grécia, de Peter Hunt e Page DuBois, no capítulo 7.

Dentre tantas análises, a do primeiro capítulo pode nos servir de exemplo paradigmático da abordagem de McKeown sobre a delicada questão historiográfica a que se propõe. “The Changing Face of Roman Slavery” faz uma comparação entre dois tipos de abordagens sobre a questão da influência racial da população liberta na história romana: a de autores da década de 30, como Teney Frank e Mary Gordon, e a de obras mais recentes,

como Susan Treggiari e Andrew Wallace-Hadrill. Todos esses autores identificaram, a partir de dados epigráficos ratificados por evidências literárias, uma grande influência demográfica estrangeira na Itália romana, associada, principalmente, à alta taxa de manumissão de escravos em Roma. Porém, tal influência era vista como uma das causas do declínio da civilização romana para os primeiros, enquanto os últimos apontavam contribuições que essa miscigenação teria trazido para a sociedade romana. Como decidir qual visão é melhor? McKeown não hesita em apontar sua preferência pela segunda, porém nos desafia: isto pouco tem a ver com as fontes. Para ele, as posições de Frank e Gordon são ratificadas pelas fontes, assim como a posição de Treggiari e Wallace-Hadrill. Na verdade, os autores mais recentes não refutariam a visão anterior, apenas mudariam o foco de abordagem. A escolha entre as duas posições depende, por conseguinte, mais de questões normativas do que de critérios objetivos de análise das fontes.

Percebemos que McKeown parte de uma premissa oculta problemática em seu raciocínio: uma argumentação só é absolutamente válida e inapelável quando deriva *inteiramente* das fontes e quando, também *unicamente* a partir destas, refuta as visões alternativas. Isto é, qualquer afirmação que não parta estritamente da empiria é mera conjectura. Na verdade, Positivismo e Pós-Modernismo compartilham tal percepção. A diferença está no fato de, a partir disto, o Pós-Modernismo, ao perceber a impossibilidade de construção de um conhecimento estritamente empírico, considerar qualquer conhecimento histórico de tipo ficcional¹.

Se, por um lado, McKeown não parece compartilhar esse ceticismo exacerbado pós-moderno, por outro, ele não nos deixa claro qual é sua posição frente a tal questão. Afirmar apenas que acredita que o passado é um dado real sobre o qual tentamos descobrir realidades, o afasta do Pós-Modernismo, mas diz pouco frente às complexas problematizações a que faz frente a produção historiográfica. Ademais, a superação das teses racialistas de T. Frank e companhia não é tão relativa como quer McKeown. Em favor de seu argumento, ele afirma que o essencial sobre essas teses racialistas é que elas são consistentes com as fontes, primárias. A própria opinião dos romanos embasa tal tese. Ora, isto em absolutamente nada corrobora as teses racialistas. Há tempos os historiadores já sabem que não podem ficar reféns das opiniões presentes nas fontes, e um dos passos fundamentais das ciências sociais, como muito bem explicitou Pierre Bourdieu, é o processo de ruptura com essa “sociologia espontânea” que os próprios atores sociais

utilizam para descrever sua realidade. Afirmar, como faz McKeown, que o paradigma racista apenas foi deixado de lado, e não refutado (p.23), é simplesmente relegar cem anos de conquistas da teoria social e da antropologia como meros desenvolvimentos ideológicos do século XX.

Porém, não podemos ser tão severos em nossa avaliação. A intenção de McKeown, nese livro, é muito mais alertar historiadores da escravidão antiga aos sérios problemas teórico-metodológicos que permeiam seu trabalho, do que enfrentar diretamente a dura questão do desafio pós-moderno à Epistemologia da História. E seu livro é extremamente bem-sucedido no que se propõe. Além disso, é um livro extremamente informativo acerca da historiografia da área (e escrito de uma maneira leve e acessível), sendo de leitura muito válida para aqueles que têm interesse em saber o que se passa no mundo das pesquisas sobre a escravidão antiga: os próprios pesquisadores do tema, pesquisadores de áreas afins, ou mesmo, curiosos.

Notas

¹ Sobre esta crítica ao Pós-Modernismo, ver Chris Lorenz, *You got your History, I got mine*. *ÖZG*, 10, 1999 e *Idem*, *Can Histories be true? Narrativism, positivism and the 'Metaphorical turn'*. *History & Theory*, 37, 1998.